
TECENDO IDENTIDADES E FRONTEIRAS DE GÊNERO: EXPERIÊNCIAS DAS ARTESÃS DE RIACHO FUNDO EM ESPERANÇA-PB

Cíntia Letícia Bittar de Araújo Eufrasio
Graduada e Especialista em História pela FIP-PB
leticiaacintia@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende construir um estudo versando sobre o papel da mulher enquanto sujeito histórico, pertencente a uma sociedade na qual historicamente o homem tem sido o centro; sociedade esta marcada de valores e preconceitos que definem a mulher como sujeito pertencente ao âmbito privado. É no tocante a composição de diferentes identidades a partir do estudo sobre as mulheres artesãs da Associação de Riacho Fundo no município de Esperança – PB que e norteará esse estudo, se direcionando à construção de diferentes identidades a partir das diferentes transformações vivenciadas por estas mulheres.

A historiografia tradicional marginalizou durante muito tempo a atuação das mulheres na sociedade, limitando-as ao espaço privado em detrimento do público. A associação de Riacho Fundo no município de Esperança retrata justamente a quebra desse “paradigma”, procurando emancipar algumas mulheres da região a partir da inserção destas no trabalho artesanal dentro da lógica do espaço público, visto antes como algo não pertencente à mulher.

Na construção desse artigo, utilizamos como referencial teórico no que diz respeito à identidade, Stuart Hall (2004), Zygmunt Bauman (2005). No que refere as questões de gênero, utilizamos Mary Del Priore (1997) e Michelle Perrot (1988). Para a história oral, José Carlos Sebe Bom Meihy (2005).

Com base em levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica, bem como em pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas através do uso da história oral com algumas mulheres e homens da Associação, onde foi possível destacar algumas particularidades das vivências entre estes sujeitos.

Em face da problemática referente à construção de diferentes identidades a partir das transformações conjunturais concernentes à historicidade da mulher, optou-se por selecionar o universo de atuação feminina que está ligada ao espaço do artesanato de Riacho Fundo no município de Esperança – PB.

Na Associação de artesãs de Riacho Fundo, participam atualmente 25 pessoas, sendo 22 mulheres e 03 homens, cujo trabalho realizado se desenvolve em torno do fabrico de bonecas de

pano denominadas de boneca Esperança, está é confeccionada através de um trabalho manual feito pelas artesãs. A produção é comercializada no município e no mercado externo de vários Estados.

Foram levantados dados qualitativos por meio de entrevistas semi-estruturadas com o propósito de perceber as relações sociais de gênero no tocante as questões de identidade, mediante os diferentes papéis ocupados pelos indivíduos envolvidos na produção de bonecas no espaço da Associação de Riacho Fundo, tendo objetivo entender o espaço público das vivências comuns e também a atuação destes na esfera doméstica, ou seja, no espaço privado.

Desse modo, consideramos o universo da pesquisa a partir dos indivíduos que estão efetivamente inseridos no contexto da associação das artesãs, como uma forma de contribuir para o estudo das diferentes relações de gênero e a construção de diferentes identidades mediante as transformações conjunturais de âmbito social e histórico.

Nesse sentido, num primeiro momento, tem-se a impressão de dois mundos separados, o público pertencente ao homem e o privado a mulher, no entanto, a partir dos relatos orais, pudemos perceber que as duas esferas se inter-relacionam. Com as entrevistas das mulheres percebemos que estas progressivamente, passaram a ocupar o mundo do trabalho, assumir um novo papel social e profissional, mas, isso não excluiu suas tarefas domésticas, apenas a ampliou.

As mulheres que pertencem ao processo de fabrico das bonecas são constituídas a partir das identidades em movimento, conforme lembrou Bauman (2005), visto que se diferenciam pelas ocupações, pelos modos de ser, modos de fazer e modos de entender o processo ocupacional e as relações sociais entre produzir bonecas e assumir seus diferentes papéis de mãe, esposa, filha e operária.

Para tanto, foram entrevistadas duas mulheres casadas e mães, e, um homem, casado, tendo este dois filhos. Fizemos as entrevistas a partir de um roteiro com perguntas simples e objetivas, a fim de perceber e analisar as relações sociais que envolvem a questão da inserção da mulher no lugar social da produção do artesanato e a constituição das diferentes identidades que permeiam esse espaço e são assumidas por estes enquanto sujeitos multifacetados.

Para a realização dessas entrevistas fizemos o uso da história oral, conforme lembra Meihy (1996, p. 23), “HISTÓRIA ORAL É UM RECURSO MODERNO USADO PARA A ELABORAÇÃO DE DOCUMENTOS, ARQUIVAMENTOS E ESTUDOS REFERENTES À EXPERIÊNCIA SOCIAL DE PESSOAS E GRUPOS”.

Desse modo, este ensaio foi organizado em três partes. No primeiro, fazemos uma abordagem histórica a partir de alguns autores supracitados, sobre a construção histórica da

identidade feminina a fim de perceber como as transformações estruturais repercutem na constituição das diferentes identidades.

Na segunda parte, mostramos o universo de constituição das diferentes identidades a partir do trabalho artesanal da associação da comunidade de Riacho Fundo no município de Esperança. E, por último, mostramos o lugar social das mulheres artesãs a partir das entrevistas realizadas durante o levantamento dos dados.

Para tanto, as diferentes identidades assumidas pelos sujeitos estão associadas às necessidades e exigências do tempo e do espaço nos quais estão inseridos.

2. TECENDO AS IDENTIDADES FEMININAS NA HISTÓRIA

Ao propor uma discussão sobre as identidades femininas se tem por objetivo tecer as relações entre as identidades femininas na história e as leituras sobre o objeto de nossa pesquisa, que refere-se às identidades femininas e masculinas na associação de artesãs de Riacho Fundo no município de Esperança - PB.

A identidade é uma construção simultânea a partir das transformações conjunturais, que variam de acordo com o cenário social e histórico de cada sujeito. Assim, as transformações do mundo moderno geraram mudanças ao longo dos anos em relação às identidades dos indivíduos, influenciados pelas diferentes culturas contemporâneas.

Tradicionalmente, as referências que compuseram a identidade feminina até o século XIX, eram fundamentalmente as de filha, esposa e mãe, gerando assim, a construção de uma identidade baseada na fixidez e em seus vínculos familiares.

A partir da segunda metade do século XX, precisamente após o movimento cultural de maio de 1968¹, é que o movimento feminista e a bandeira de luta pelos direitos feministas ganham expressividade e dinamismo, a partir da expansão do feminino para diferentes lugares e espaços sociais. Com efeito, a mulher passa a assumir novos papéis sociais na família e no mercado de trabalho, ou seja, fundamentalmente as chefe de família e empregadas multifuncionais no âmbito público (diferentes setores laborais), passaram a redefinir sua identidade, mesmo não mudando completamente sua condição no espaço social, mas ampliando-se à condição de outrora, pois a mulher continuava sendo dona-de-casa, mãe, esposa e agora com alguns espaços profissionais, sua dupla-jornada de trabalho a levou para uma maior responsabilidade, sendo denominadas de supermulheres pelo senso comum da mentalidade paternalista pertencente a uma sociedade ainda

marcada por valores machistas em torno dos diferentes papéis sociais ocupados pelas mulheres (CAIXETA; BARBATO, 2010).

Entretanto, em contraposição a essa mentalidade que definia as mulheres de forma naturalizante, sugerimos que a construção de diferentes identidades não estão associadas a aspectos biológicos e morfológicos, mas, sendo ela definida como resultado do processo histórico-cultural de cada indivíduo, cuja noção deve ser entendida em diferentes percepções, ou seja, múltiplas identidades de gênero. Assim, “*não nascemos homens e mulheres, nos tornamos homens e mulheres*” Beauvoir² (apud, TAVARES, 2008, p. 4), conforme as possibilidades que vão sendo sugeridas pelas experiências de cada sujeito com a cultura com que se relaciona.

Desse modo, um sujeito social apresenta-se em diferentes situações e posições acionando uma multiplicidade de identidades, aquelas possíveis dele se identificar, mesmo que temporariamente.

Segundo Hall (1990), a identidade é uma questão que está sendo extensamente discutida na teoria social. O argumento principal é demonstrar que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma coragem estável no mundo social.

Nesse sentido, se entende, conforme Stuart Hall que:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificados ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 1990, p.13)

Em linhas gerais, o sujeito moderno assume diferentes identidades em diferentes momentos, mediante uma série de mudanças vivenciadas nas sociedades modernas, diferentemente das estruturas passadas que tinham nos fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Diante da contextualização histórica dos sujeitos sociais envolvidos na associação de artesãos de Riacho Fundo no município de Esperança – PB se vislumbra uma trajetória de relações permeadas por sistemas culturais que interligam os sujeitos a partir de diferentes identidades, que são

modificadas em função das diferentes trajetórias de vida rodeadas pelas tramas e vivências cotidianas. Desse modo, em um lugar social perpassado entre vivências de homens e mulheres não há como constituir uma única identidade dos indivíduos deste lugar.

Para tanto, as diferentes identidades assumidas pelos sujeitos estão associadas às necessidades e exigências do tempo e do espaço nos quais estão inseridos.

3. AS IDENTIDADES LIQUIDAS OU EM VIAS DE TRANSIÇÃO?

Na obra “Identidade” de Bauman (2005), encontramos uma longa discussão sobre possíveis “identidades”, sentimentos de pertencimento a determinadas comunidades, círculos culturais e nação. Bauman trabalha a idéia de que o pertencimento ou a identidade não são definitivos nem tão sólidos assim, mas negociáveis e revogáveis; tudo dependendo das decisões que o indivíduo toma, do caminho que percorre e da maneira como age.

Dentro desse círculo de pertencimento às identidades, poucos de nós, ou quase ninguém, está exposto a apenas uma comunidade de idéias e princípios de cada vez, como cita Bauman (2005, p.19):

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.

Sendo assim, percebemos que a identidade do indivíduo não é fixa e permanente, ela é construída mediante o espaço à qual este indivíduo está inserido e muda de acordo com o papel que este deseja assumir a partir da relação com o material cultural, como, por exemplo, nas teias sociais que envolvem os indivíduos nas relações cotidianas de trabalho, em que diante de mudanças significativas das ocupações profissionais, homens ou mulheres podem modificar sua trajetória de vida e de ocupação.

Tendo em vista a discussão acerca das identidades líquidas, nosso objeto de estudo procura abordar as diferentes mudanças das identidades femininas e masculinas a partir das transformações dos papéis sociais ligados à modernidade, que segundo Bauman (2002) é chamada “líquida”, tendo em vista a fluidez e volatilidade dos valores e comportamentos sociais dos indivíduos. Assim podemos perceber que as identidades são constantemente modificadas, renovadas e transformadas diante do líquido da modernidade em que os sujeitos estão inseridos, inclusive nas relações

cotidianas vivências em espaços sociais como da associação de artesãs de Riacho Fundo em Esperança – PB.

Bauman remete sua discussão sobre família, Estado e Igreja, presentes e importantes na “constituição da identidade” das pessoas. Afirma ainda que hoje as relações, eletronicamente mediadas, tendem a ser frágeis e fáceis de serem abandonadas e a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais se perde nesses relacionamentos virtuais, conforme fica evidenciado a seguir:

È isso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunitárias de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2005, p.32)

Nesse sentido, tornamo-nos conscientes de que a “identidade” não é algo sólido, não é permanente para toda a vida, a identidade é mutável e se consolida diante das decisões que o indivíduo toma, dos caminhos que ele percorre e a maneira como age. É a decisão de se manter firme a tudo isso é um fator crucial para constituição da “identidade”.

Hall (2004) reconhece que a identidade não é unificada, além de haver múltiplas identidades possíveis de identificar-se mesmo que de forma temporária. Conforme ele mesmo afirma:

Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma “fantasia.” Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2004, p. 13).

Contudo, as mudanças relacionadas às questões de identidade estão ligadas a uma multiplicidade de diferentes papéis ocupados pelos indivíduos na sociedade. Para tanto, é interessante pensar naqueles que modificam sua identidade de acordo com sua própria vontade, escolhendo-as diante de amplas possibilidades, contrariamente àqueles que não têm direito a se manifestar e se encontram oprimidos por identidades impostas pelos outros, identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão para abandonar e são estas que estereotipam e estigmatizam os indivíduos.

Frente a este aspecto, ressaltamos a importância de um espaço social que evidencia os valores do outro, sendo assim, em lugares de vivências comuns e de tramas cotidianas perpassadas por valores comuns, o lugar social de aproximação e de conflito entre os indivíduos faz constituir um processo de mutabilidade de valores e relações sociais, permitindo que as identidades se tornem moveis, conforme destacou Bauman (2005), as identidades em movimento.

4. O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA

No século XX, com o surgimento da Revista dos Annales de História Social e econômica, originária do movimento dos Annales a partir de 1929, novas vertentes construíram diferentes perspectivas de abordagem, substituindo a história político-diplomática pela vertente econômico-social, e na terceira geração na década de 1968 pela história cultural que ficou denominada “do porão ao sótão”. A história que antes se voltava a um viés total e global, com o modelo de historiografia positivista para a exaltação de “grandes heróis” passa agora a trabalhar com uma história fragmentada, onde o historiador pode tematizar diferentes abordagens sob qualquer perspectiva de viés interdisciplinar, a partir de abordagens múltiplas, desde que existam fontes históricas de pesquisa. Segundo Dosse³ (*apud*, NAVEIRA, 2008):

È preciso entender como a disciplina da história patinava em um pântano vazio de um objetivismo vazio e idiotizante; nada mais além do relato dos atos de “grandes” personalidades políticas e militares e seus “heróicos” feitos (na realidade, é muito fácil visualizar isso; para a imensa maioria de nós, brasileiros, basta lembrar de nossas antigas aulas no primário e no ginásio). A escola dos Annales quebra de uma vez por todas essa visão ao chamar para si a briga e colocar como eixos históricos: dados econômicos, estatísticas, modelos sociológicos, como nunca havia sido feito anteriormente.

Essa nova abordagem historiográfica leva em consideração estudos sobre vários aspectos da sociedade. A partir dos Annales, precisamente em sua terceira geração, a mulher passou a ocupar um papel de destaque na historiografia. Vários historiadores começaram a estudar a história das mulheres de maneira mais integral, diferentemente de outros historiadores que deixaram a mulher fora da história.

A terceira geração dos Annales foi a primeira vertente historiográfica a incorporar as mulheres nas abordagens históricas. Em especial Mary Del Priore, que trabalhou sobre a ocupação dos papéis femininos como resultados de uma construção social e histórica e que

através de uma profunda pesquisa em documentos históricos, para poder traçar a trajetória das mulheres do processo histórico do Brasil colonial aos nossos dias. Segundo Perrot (2007, p. 16), “*escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas*”. Essa importante historiadora, em seus estudos sobre a história das mulheres partiu da história do corpo e das funções desempenhadas pelas mulheres no espaço privado até chegar à história das mulheres no espaço público, como seu papel na política, no trabalho e na sociedade. Fez uma relação entre as mulheres vítimas do patriarcalismo para chegar à história das mulheres ativas, onde tornou a leitura da história das mulheres uma questão de gênero em que envolve as relações entre os sexos.

Segundo Perrot (2007, p.17),

[...] Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: o silêncio das fontes. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra.

Contudo, não há como negar a importância e a participação efetiva da mulher na construção das múltiplas identidades do gênero humano ao longo da História, principalmente em espaços de construção da história local como das mulheres artesãs de Riacho Fundo em Esperança - PB. É imprescindível o reconhecimento destas múltiplas identidades que compõem o sujeito tido como feminino em diferentes momentos da História, mas é preciso reconhecer que esta ocupação de múltiplos espaços representa, também, o reconhecimento de mudanças sensíveis nas possibilidades de papéis assumidos pelas mulheres.

Sendo assim, o resultado destes múltiplos espaços identitários e as transformações que o gênero feminino vem passando no decorrer dos tempos, podem ser perceptíveis em sua nova participação no mercado de trabalho, na família, nas tramas da sociedade, na luta pela conquista de seus direitos e na sua ocupação no espaço público em detrimento do espaço privado em que esta assumia posição secundária.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar as relações dos diferentes papéis sociais no espaço da Associação de Riacho Fundo no Município de Esperança – PB entre mulheres e homens nos levou a perceber que a ocupação do espaço público mediante as conquistas obtidas pelas mulheres geraram uma série de mudanças na trajetória de vida desses sujeitos.

Através da pesquisa constatamos que as diferentes identidades assumidas pelos sujeitos são construídas e assumidas mediante as transformações conjunturais de acordo com espaço social e histórico, onde o sujeito social a partir de diferentes situações e posições passa a assumir possíveis identidades mesmo que de forma temporária.

Contudo, constatamos que diante de uma sociedade chamada de “liquida” para Bauman (2002), tendo em vista a inconstante fluidez de valores e comportamentos sociais dos indivíduos, essa situação de indefinição e mutabilidade leva a composição de diferentes identidades a serem constantemente modificadas a partir do lugar social em que estes estão inseridos. Desse modo, essa constatação se dá em função daquilo que outrora já foi constatado, de que existe uma influência fundamentalmente imbricada das relações sociais e históricas com o material cultural, evidenciando a idéia de que no tocante as identidades das mulheres artesãs, há na verdade um processo em construção de diferentes identidades, que estão tecendo e sendo elaboradas a partir das experiências sociais, embora identidades culturalmente associadas de forma naturalizante ao feminino e ao masculino, não sejam abandonados.

Os espaços públicos e privados ganharam diferentes sentidos em diferentes contextos socioculturais mediante as transformações estruturais em diferentes épocas do seu desenvolvimento, levando os indivíduos a assumir diferentes papéis sociais e constituir variadas identidades.

¹ O movimento cultural de maio de 1968 na França nasceu de uma greve geral contra medidas governamentais do presidente Charles De Galle, principalmente em função das reivindicações estudantis e das minorias sociais, como negros, estrangeiros e mulheres à época (VALLADARES; BERBEL, 1994, p. 92).

² Disponível em: <http://www.umarfeminismos.org/feminismos/docs/simonebeauvoir.htm>. Acesso em: mar. 2010.

³ Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra16/annales.ht>. Acesso em: jan. 2010.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAIXETA, Juliana Eugenia; BARBATO, Silviane. Identidade feminina – um conceito complexo. **Um feminismo**. Disponível em: <http://www.umarfeminismos.org/feminismos/docs/simonebeauvoir.htm>. Acesso em: mar. 2010.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. Ed. 3º, São Paulo: Contexto, 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1990. 101p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 1996.

NAVEIRA, Olívia Pavani. **Os Annales e as suas influências com as Ciências Sociais**. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra16/annales.htm>. Acesso em: Set. 2008.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.